



AValiação DAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO: CONTRAPONTO NA/DA PROVINHA BRASIL

*Mônica de Souza Serafim
Pollyanne Bicalho Ribeiro*

Introdução

O Ensino Fundamental, ao ter sua duração ampliada para 9 anos, assumiu efetivamente o processo de alfabetização. Isso significa dizer que sem prescindir de aspectos técnicos, tais como os relacionados à apreensão do sistema linguístico, não há como desatrelar desse processo fatores culturais, políticos e sociais. A construção educativa nesse nível de ensino deve garantir ao discente uma formação consistente, significativa, que lhe possa conferir condições para o exercício da cidadania ao longo de sua vida. Uma vez assumida a dimensão social da língua, práticas pedagógicas devem ser ressignificadas e reinventadas para o desenvolvimento da leitura e da escrita no âmbito escolar. Tal tomada de posicionamento é fundamental para o delineamento de um quadro democrático quanto à participação do sujeito nas diferentes práticas sociais. Assim, o professor deve fomentar situações reais de produção de sentido, isto é, necessário se faz pensar a abordagem teórico-metodológica de suas aulas de modo a assegurar a competência comunicativa de seus alunos.

Um modelo que privilegie somente textos escolarizados, avulsos, muitas vezes, descontextualizados, não coaduna com a perspectiva da alfabetização calcada nos pressupostos educacionais atuais. Para se alcançar o desenvolvimento de habilidades linguísticas, textuais e discursivas, a ação educativa deve ter como ponto de partida a realidade sociocultural dos alunos, o contexto da escola, enfim, as escolhas pedagógicas devem ser balizadas pela identidade do grupo discente com o qual se relaciona.

Como se sabe, o trabalho com os gêneros se revela como um terreno profícuo para a mobilização dos processos de aprendizagem da língua, vista sob o prisma funcional. Ao tomar o estudo dos gêneros como objeto de pauta, haverá variáveis que, inevitavelmente, deverão ser abordadas (quem fala, para quem fala, porque fala, onde fala, o que fala, etc), as quais subsidiarão a análise da linguagem sob as diferentes dimensões (morfológica, sintática, semântica, pragmática, etc). Ao promover a análise sob esses vieses, de uma maneira integrada, a concepção de letramento será contemplada. Dito de outra forma, um sujeito, capaz de lidar satisfatoriamente com as práticas de leitura e escrita nas diversas esferas sociais, é um sujeito letrado. Mônica de Souza Serafim

Vale ressaltar, ainda, que para a proposta educacional se efetivar em uma aprendizagem significativa e adequada, o professor deve recorrer aos parâmetros pedagógicos que lhe são oferecidos. Esses parâmetros, portanto, são depreendidos, por exemplo, de livros didáticos, de cursos de formação, de conversas com os seus pares, de instrumentos avaliativos. A partir daí o professor verá a conveniência ou não de adequá-los à realidade da sala de aula, julgando pela pertinência dos mesmos à demanda de seus alunos.

A Provinha Brasil, avaliação diagnóstica do nível de alfabetização de alunos matriculados no segundo ano de escolarização das escolas públicas, acaba por orientar a prática educativa nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Isso acontece porque o que é abordado institucionalmente ganha legitimidade aos olhos do professor, uma vez que se os órgãos educacionais chancelam o que está sendo abordado, obviamente, ele terá mais segurança de tomar o instrumento avaliativo como parâmetro para as suas escolhas.

Neste trabalho, avaliaremos algumas questões da Provinha Brasil, considerando o seu papel de orientador e justifica-



dor da ação docente. Para tanto, recorreremos às concepções de letramento, amparadas pelas noções de gênero.

A Construção de Sentidos na Provinha Brasil

A Provinha Brasil foi criada, de acordo com a portaria normativa 10, de 24 de abril de 2007, parágrafo 2º, com os seguintes objetivos a) avaliar o nível de alfabetização dos alunos das escolas públicas após um ano de escolaridade, com isso o MEC quer garantir que todas as crianças saibam realmente ler e escrever até os oito anos de idade; b) propiciar às redes de ensino um resultado da qualidade do ensino, prevenindo, assim, o diagnóstico tardio das dificuldades de aprendizagem e c) contribuir para a melhoria da qualidade de ensino e da redução de desigualdades, em consonância com as metas e políticas estabelecidas pelas diretrizes da educação nacional. A prova foi aplicada pela primeira vez em 2008 e os resultados, desde então, ajudam o MEC a corrigir possíveis distorções na alfabetização. A aplicação das provas ocorre duas vezes ao ano: a primeira no início e a segunda no fim do ano letivo, permitindo, assim, que o professor veja a aprendizagem dos alunos de forma cíclica.

O INEP, órgão vinculado ao MEC, elaborou o programa, as provas, os manuais de como aplicá-las e corrigi-las. A Secretaria de Educação Básica do MEC elaborou ainda um roteiro de medidas que devem ser tomadas posteriormente para sanar problemas que, porventura, sejam diagnosticados na avaliação.

Na primeira edição da prova, em 2008, foram avaliadas habilidades relativas ao processo de alfabetização e letramento dos alunos e, posteriormente, na edição de 2009, começou-se avaliar também as habilidades em matemática.

A Provinha Brasil é composta por um caderno com 24 questões de múltipla escolha, cada uma com quatro opções de resposta. Algumas dessas questões deverão ser lidas pelo apli-



cador da prova - na íntegra ou em parte - e outras questões deverão ser lidas apenas pelos alunos. Há, ainda, três questões escritas, para verificar a habilidade de escrever palavras e frases.

Os itens da avaliação são divididos em “fáceis”, “médios” e “difíceis” para a etapa da escolaridade à qual se destinam. Esse modo de organização dos itens por níveis de complexidade reforça o caráter pedagógico que se quer alcançar com a Provinha Brasil. O equilíbrio entre as questões permite visibilidade às competências exigidas no processo de alfabetização, de modo a integrar as suas diferentes etapas e os diferentes saberes necessários. Na primeira versão, as questões que exigem as habilidades de escrita detêm-se nas habilidades de escrever palavras e frases, ainda não incluindo a habilidade de escrever textos, que possuem uma grade de correção à parte.

A fim de orientar as escolas sobre o conteúdo que será abordado na prova, o MEC elaborou uma Matriz de Referência, documento que

foca habilidades essenciais de alfabetização e letramento que serão avaliadas pela Provinha Brasil. Trata-se de uma referência para a construção do teste, sendo diferente de uma proposta curricular ou programa de ensino, que são mais amplos e complexos. Desta forma, direcionar as práticas de alfabetização, para que os alunos obtenham bons desempenhos na Provinha, constitui um reducionismo pedagógico que deve ser evitado. A matriz da Provinha Brasil pode servir como referência, mas de forma alguma deve substituir o currículo da escola em relação à alfabetização. (MEC, <http://provinhabrasil.inep.gov.br>)

As questões procuram avaliar as habilidades previstas na Matriz de Referência, cujos eixos são: **Apropriação do sistema de escrita**, com nove descritores: D1. Diferenciar letras de outros sinais gráficos, como os números, sinais de pontuação ou



de outros sistemas de representação; D2. Identificar letras do alfabeto; D3. Reconhecer palavras como unidade gráfica; D4. Distinguir diferentes tipos de letras; D5. Identificar sílabas de palavras ouvidas e/ou lidas e D6. Identificar relações fonema/grafema (som/letra); D15. Escrever palavras; D16. Escrever frases e D17. Escrever textos e **Leitura**, com oito descritores: D7. Ler palavras; D8. Localizar informação em textos; D9. Inferir informação; D10. Identificar assunto de um texto lido ou ouvido; D11. Antecipar assunto do texto com base em título, subtítulo, imagens; D12. Identificar finalidades e funções da leitura em função do reconhecimento do suporte, do gênero e da contextualização do texto; D13. Reconhecer a ordem alfabética e D14. Estabelecer relações de continuidade temática.

Os descritores nos mostram que a prova procura avaliar os conhecimentos de alfabetização e letramento, considerando-os como processos complementares e inseparáveis.

A aplicação da prova é feita na sala e no horário regular das aulas. O aplicador pode ser o próprio professor da turma, outro professor da mesma escola ou um aplicador especialmente contratado para isso pelas Secretarias de Educação municipal ou estadual.

A correção da prova é feita pelo professor da turma ou pelo aplicador do teste, a partir do guia com as orientações de como corrigir as questões e de como interpretar os dados. Assim, o professor poderá saber o nível de desempenho de sua turma ainda no mesmo dia em que a prova foi aplicada. Os resultados de cada turma poderão ser coletados e tabulados de modo a se ter um panorama da escola e, posteriormente, de toda a rede municipal e estadual de ensino.

O Gênero do Discurso e a Prática Educativa nas Séries Iniciais

O ato de linguagem é condição para a constituição de aspectos ideológicos, culturais, históricos nas mais variadas



práticas sociais, tais aspectos também determinam a configuração e funcionamento do ato na ação comunicativa. Certos parâmetros sociais reiterados nas interações verbais acabam por oferecer as possíveis escolhas na dinâmica discursiva. Esse processo, essencialmente dialógico, é garantido pelo que Bakhtin (2003[1979]) definiu como gênero do discurso:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo seu estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 261-262).

Se, “até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas” (BAKHTIN, 2003 [1979], p.282), inegável é o papel do gênero na ação docente. Lidar com o gênero na esfera escolar é compreender a língua em funcionamento, é aprimorar a percepção do aluno para os jogos de linguagem, para o dito e o não dito, enfim, é desvelar o outro e suas possíveis intenções. A questão é mudar a abordagem do ensino focado em palavras, frases soltas, para o gênero.

Contudo, o professor deve estar atento para não repetir velhas práticas, ou seja, primar pela classificação e taxonomia do gênero em detrimento da compreensão da sua função social. Obviamente, saber que tipo de gênero se trata é importante,



mas não menos relevante é considerar os aspectos constitutivos do gênero - as condições de sua produção, as práticas sociais nas quais ele é construído, os possíveis papéis sociais assumidos pelos participantes dessa prática, o seu propósito na interação.

O ensino através de gênero corrobora com a perspectiva do letramento, visto que habilita os aprendizes a interagirem com práticas sociais de leitura e de escrita e delas se apropriarem. Não há razão para deixar o trabalho com gêneros somente para as séries mais avançadas do ensino fundamental, já no processo de alfabetização, pensado sob a perspectiva do letramento, ele se justifica. A criança lida, no seu dia a dia, com gêneros e não com letras, sons e sílabas descontextualizadas. Acreditamos que, no âmbito do gênero, a aquisição da escrita se tornará significativa e provocativa, ou seja, produzirá efeitos.

Nesse sentido, Soares (1998) defende a ideia de alfabetizar letrando e, sendo assim, inevitavelmente, esse processo passa pela relação gênero e ensino. Segundo a autora, “a tecnologia da escrita é aprendida (...) por meio de atividades de ‘letramento’, ou seja, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita” (SOARES, 1998, p. 92)

A seguir, passaremos a análise do *corpus*, constituídos por questões da Provinha Brasil, objetivando perceber os possíveis contrapontos no alinhamento dos pressupostos do letramento, a noção de gênero e a formação de um sujeito social crítico.

O exemplo 1 (Ver figura 1), retirado da Provinha Brasil, nos mostra que a questão proposta foca a capa de uma revistinha em quadrinhos, gênero recorrente na faixa etária do público a que a Provinha Brasil se reporta. A escolha do gênero é pertinente à medida que diz respeito a um texto que geralmente circula nas práticas sociais das quais o leitor participa e, por assim ser, a produção de sentido é facilitada, a compreensão torna-se um processo natural e espontâneo. Contudo, chamou-nos atenção que a capa elegida verse sobre jogos e passatem-



Questão: 17



O que você vai encontrar nessa revista?

- ☐ contos.
- ☐ histórias e aventuras.
- ☐ jogos e passatempos.
- ☐ poemas.

Figura 1: Provinha Brasil - primeiro semestre 2009

pos e também ser esse o ponto a ser avaliado pela questão (O que você vai encontrar nessa revista?), porque, comumente, há, no gênero revistinha, historinhas e não jogos e passatempos. Podemos dizer que o exemplo trazido não é uma amostra do protótipo do gênero tomado para análise (revistinha) e, talvez, esse fator poderia interferir na interpretação da questão. Outro ponto que merece ser discutido é que a questão não trata dos aspectos constitutivos do gênero (quem, para quem, por que, como, etc) ou da sua função social, o que se percebe é que a avaliação visa levar o aluno a identificar na capa as palavras jogos e passatempos, caracterizando, portanto, tão-somente o processo de decodificação.

O exemplo 02 (Ver figura 2) também mostra que o enfoque da prova foi a decodificação. O aluno logo no início do texto já conseguiria, quase mecanicamente, identificar o restante da sequência “Moqueca é:” Obviamente que reconhecer informa-



Questão: 22

Item: AL0337

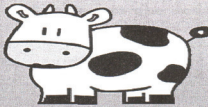
Professor(a)/Aplicador(a): nesta questão as instruções, o texto e as opções devem ser lidos APENAS PELOS ALUNOS, sem sua ajuda. Leia SOMENTE a orientação em que aparece o megafone.

Leia o texto e depois faça um X no quadradinho da resposta que achar correta. Faça tudo em silêncio.

Fala, galera!

Que fome!

Moqueca é: uma vaca muito sapeca, que vive numa fazenda de Minas Gerais. Um belo dia, ela conhece um charmoso touro louro e eles se apaixonam. Algum tempo depois, Moqueca, que sempre foi magrinha e elegante, aparece gorducha e feliz. Ela ia ter um bebê, quer dizer, um lindo bezerinho. Acontece que, depois que o bezerro nasce, a vaca continua gorda e seu filhote cada vez mais magro. Qual será o mistério da vaca Moqueca?



Sylvia Orthof, Tato. Moqueca, a vaca. Editora Paulinas, 1999.

Nesse texto, Moqueca é:

- (A) ☐ um bebê.
(B) ☐ um bezerro.
(C) ☐ uma comida gostosa.
(D) ☐ uma vaca sapeca.

Figura 1: Provinha Brasil - primeiro semestre 2009

ções no texto é relevante, inclusive tal função é contemplada no descritor D8 (Localizar informação em textos), mas elaborar questões que favoreçam a inferência é de suma importância para a formação de um sujeito que, de fato, interaja com os textos produzidos socialmente e, portanto, que seja tocado e modificado pelos mesmos, ou seja, que aperfeiçoe seu estado de letramento (cf. D. 9, D.10, D.12 e D14).

Como sabemos, os textos não contemplam todas as informações das quais o leitor necessita para a compreensão. De fato, se houvesse o esgotamento das informações relevantes para a produção de sentido, se tudo fosse explicitado, o texto não se findaria, o que, por sua vez, inviabilizaria tanto o processo de produção textual, quanto o de leitura. Sobre a inferência e a previsão, Fulgêncio e Liberato (2007, p.27) salientam que “para compreender, não basta saber a língua; para ler, não basta ver e decodificar aquilo que está impresso no papel”. É preciso “fazer uso da informação não-visual, tanto para adiantar e an-



tecipar as informações que são previsíveis quanto para inferir dados, deduzindo as informações não explícitas”. Desse modo, a inferência é garantidora da compreensão, através dela, que o material trazido pelo texto é dotado de sentido, sendo que, conforme as autoras, quanto menos conhecimento prévio o leitor tiver sobre o texto, mais dificuldade ele terá para compreendê-lo.

No processo formativo e, particularmente, na Provinha Brasil, é importante julgar se o leitor em potencial terá condições de inferir informações e relações não explícitas no texto. Habilitar o aluno a lidar com o dito e o não dito é *condition sine qua non* para o desenvolvimento do letramento em práticas educativas.

Nesse sentido, destacamos a questão 3, por entendermos que ela colabora para a inferência, visto que incita o aluno a preencher as lacunas deixadas pelo texto.

Questão: 20



- ☐ PORQUE ELA DEU UM SUSTO NELE.
- ☐ PORQUE ELA QUERIA BATER NELE.
- ☐ PORQUE ELE NÃO GOSTAVA DE APANHAR DELA.
- ☐ PORQUE ELE NÃO QUERIA BEIJAR A MÔNICA.

Figura 1: Provinha Brasil - segundo semestre 2009

Não só a escolha do gênero é acertada - tira da turma da Mônica - como também o modo de abordá-la. Para a crian-



ça assinalar a resposta “porque ele não queria beijar a Mônica”, inevitavelmente, através de inferências, o leitor deve ter compreendido os jogos de linguagem (humor, ironia, sarcasmo), sempre presentes no gênero. Vale ressaltar que uma vez que se opte por uma análise mais crítica e não pela identificação imediata de informações no texto, privilegia-se a formação de um sujeito letrado, isto é, potencializa-se a aquisição da competência comunicativa na prática educativa.

A escola, agência de letramento por excelência, deve fomentar espaços nos quais os alunos experienciem práticas sociais letradas e, portanto, é importante assumir como objeto de pauta tal abordagem em todas as instâncias escolares. O mesmo deve acontecer nas avaliações institucionais, como é o caso da Provinha Brasil, porque se configura como um instrumento orientador e estruturante do trabalho do professor.

À propósito, um projeto de letramento se traduz como o acervo de ações oriundo do “interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão realmente lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade” (KLEIMAN, 2000, p. 238).

Sendo que à ação do letramento fatalmente deve vir sustentada pelo trabalho com os gêneros, porque somente assim o aprendiz terá condições de perceber e compreender a língua(gem) em funcionamento. Não obstante, traços, sociais e individuais, serão mobilizados, produzirão efeitos para os interlocutores e, nesse processo de representação do gênero, haverá a recomposição de matrizes sociocognitivas e culturais (MATENCIO, 2003).

Considerações Finais

Os resultados obtidos nesta pesquisa revelam que as práticas de letramento exigidas pela Provinha Brasil conduzem os



professores a reformularem sua prática pedagógica, readequando os modelos de ensino mais tradicionais às novas competências exigidas para a aprendizagem.

A abordagem do trabalho com o texto nos mostra que a leitura dos gêneros deve ir além dos aspectos formais. É necessário analisar tanto aspectos linguísticos como extra-linguísticos para a promoção da interpretação; conhecimentos de toda ordem (culturais, sociais, políticos, ideológicos) são mobilizados e atualizados para que se alcance a legibilidade do texto analisado, ou seja, para que o texto se torne, de fato, texto para o leitor. Segundo Coscarelli (1999) e Fiorin (2007), a leitura dos gêneros requer a intercalação de suas partes, pois além de objeto linguístico, o texto é um objeto histórico, o que implica dizer que seu sentido se constrói por meio de mecanismos extra, intra e intertextuais.

O aprendiz, obviamente, não detém todas as estratégias necessárias para a prática de leitura e escrita, elas deverão ser introduzidas e desenvolvidas gradativamente, daí a importância de selecionar material didático condizente com o nível de letramento que se encontra o aluno. Tomada a consciência de que a prática de leitura e de escrita é adquirida paulatinamente, haverá mais chances de o aluno não só ler e escrever adequadamente, mas ter prazer ao ler e ao escrever.

Acreditamos que o ponto de partida para a satisfação desse propósito seja o ensino através dos gêneros textuais. Contudo, é notório que ainda há muitos desencontros quanto a sua aplicação na escola, urgem mudanças de paradigmas a fim de se alcançarem os ideais educacionais da atualidade. A Provinha Brasil por ser um instrumento pedagógico deve ser questionada e ressignificada à medida que a prática do professor também o é, não nos cabe aqui apontar, aleatoriamente, possíveis falhas, até porque elas são inevitáveis a todo e qualquer processo avaliativo, visamos sim refletir sobre o aprimoramento desse instrumento para a consolidação de um ensino de qualidade no nosso país.



Somente assim poderemos vislumbrar sujeitos sociais capazes de se inscreverem no mundo que os cerca, ou seja, conscientes das suas escolhas políticas e sociais. Enfim, ter competência comunicativa vai além de saber dizer, é compreender os efeitos do que se diz para o(s) outro(s). Assim, julgamos que as palavras de Soares (2007) traduzem todo o objetivo deste trabalho. “Cabe aos promotores da alfabetização do povo e aos que a executam (...) encontrar e disseminar caminhos para que o acesso à leitura e à escrita seja marcado pelo significado que o vincula à conquista e ao exercício da cidadania”. (SOARES, 2007, p.59)

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- COSCARELLI, Carla Viana. **Leitura em ambiente multimídia e a produção de inferências**. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras: UFMG, 1999.
- FIORIN, José Luiz. O ensino de português nos níveis fundamentais e médio: problemas e desafios. IN: SCHOLZE, Lia e RÖSING, Tânia (Orgs.). **Teoria e práticas de letramento**. Brasília: INEP, 2007, p. 95-116.
- KLEIMAN, A. B. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, Angela B.; SIGNORINI, I. (Orgs.) **O ensino e a formação do professor. Alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 248 p. p. 223-243.
- LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. **É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro**. Contexto: São Paulo: 2007.
- MATENCIO, M. L. M. Referência e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. **Anais do III**



- Congresso Internacional da ABRALIN**. Rio de Janeiro: UFRJ. 2003, p. 110-120
- SOARES, M. **Letramento: um tema três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2007.